

XII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

21 a 22 de Março de 2024

CLARICE LISPECTOR: A TRAMA EXISTENCIAL EM *ÁGUA VIVA*

Beatriz de Oliveira Boza (Programa de Iniciação Científica, Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil); Sylvia Mara Pires de Freitas (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, Brasil).

contato: ra124156@uem.br

Palavras-chave: Existencialismo. Jean-Paul Sartre. Literatura. Clarice Lispector.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta resultados parciais de pesquisa realizada pelo Programa de Iniciação Científica (PIC), intitulada *O Fluxo de Água Viva: uma análise existencialista do romance de Clarice Lispector*, que ocorre no período de setembro/2023 a agosto/2024.

A obra *Água Viva*, publicada em 1973, rompe com padrões tradicionais da literatura em prosa, que geralmente oferece uma maior linearidade e contextualização de elementos como tempo cronológico, espaço, personagens e enredo ao contar uma história. A narrativa de Clarice, por outro lado, há apenas uma personagem, o tempo é psicológico e não é uma história de começo, meio e fim, aproximando-se bastante de uma linguagem poética, o que torna a narrativa muitas vezes desconexa para o leitor.

A protagonista é uma pintora de quadros abstratos se aventurando em outra arte, a escrita, motivada por uma separação romântica. Ela sugere escrever se dirigindo ao homem antes amado, como um desabafo, contando todos os seus pensamentos à medida que surgem, e por conta disso, há repentinas mudanças de assunto e epifanias complexas acerca da vida.

Instigada pela grandiosidade do livro e curiosa mediante às temáticas abordadas, senti-me motivada a aprofundar os sentidos existenciais lispectorianos expostos na trama e no movimento temporal da protagonista, que transita de forma dinâmica em diferentes situações.

METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS

A pesquisa tem caráter teórico-conceitual, cujo objetivo geral visa analisar as temáticas existenciais desveladas em *Água Viva*, compreendendo-as à luz do existencialismo de Jean-Paul Sartre. Os objetivos específicos direcionam-se a (a) identificação das temáticas existenciais abordadas no livro; (b) compreender essas temáticas à luz do existencialismo de

XII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

21 a 22 de Março de 2024

Jean-Paul Sartre; (c) perseguir o movimento vivido pela personagem, em consonância com sua lida temporal, ou seja, como (e se) ela supera as condições anteriores em direção ao seu devir, a fim de investigar se seu projeto de ser é evidente na obra.

As temáticas identificadas no livro se baseiam no pensamento do filósofo Jean-Paul Sartre, sendo compreendidas a partir de algumas de suas obras. Para a análise do movimento vivido pela personagem, estamos utilizando o método dialético proposto por Sartre (2002) para compreender como Lispector produz o movimento temporal da personagem. Ou seja, como interiorizara o mundo, o significando, e como se exterioriza, agindo sobre o mundo. Diante disto, este trabalho abordará os resultados dos dois primeiros objetivos específicos e os parciais referentes ao terceiro.

DESENVOLVIMENTO E ANÁLISES PARCIAIS

O primeiro momento da pesquisa foi destinado à releitura de *Água Viva*, a fim de acompanhar o fluxo de consciências da protagonista e pontuar as temáticas existenciais que emergem de sua relação com o contexto sociomaterial, como mencionado. Entre os temas existenciais que fundamentam a obra, foi possível constatar os seguintes: consciência, emoções, liberdade, má-fé, temporalidade, o outro, morte e literatura.

Com relação à compreensão destas temáticas, o tema **consciência**, em *O Ser e o Nada* (2011), Sartre apresenta dois conceitos fundamentais para a existência humana: o ser-Em-si e o ser-Para-si. O primeiro é o Ser fechado em si, determinado, inflexível e completo, não experiencia temporalidade e liberdade, portanto, abrange o campo da materialidade e tudo aquilo que não é a consciência, logo, o humano. Já o Para-si é a consciência, abertura ao mundo, não tem essência ou substância a priori, é um vazio, um Nada; por isso, sempre visa com intencionalidade os objetos e surge a partir dessa visada.

Para Sartre (2011), existem três níveis de consciência: irreflexiva, refletida e reflexiva. A primeira é impessoal, espontânea e aberta ao mundo sociomaterial, está sempre em situação, lidando com os outros e os objetos. Já a segunda é a consciência cúmplice, isto é, que se sabe consciente de algo, também é espontânea e imediata, sendo condição para a reflexão. A consciência reflexiva posiciona o Eu, esse enquanto unidade de nossas qualidades, estados e ações, constituindo a temporalidade psíquica. Além disso, há modos de ser da consciência, ou seja, a maneira como visa o mundo, como a imaginação, a percepção e a emoção.

XII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

21 a 22 de Março de 2024

No livro *Esboço para uma teoria das emoções* (2008), Sartre explica que a **emoção** é a consciência irreflexiva que dissimula a difícil realidade – que nos obriga a escolher entre possibilidades –, tornando-a aceitável. No entanto, a consciência reflexiva pode sempre visar como apreendemos o mundo de maneira emocionada, significando e transformando nosso modo de agir.

A **liberdade** é a razão da existência do Para-si, é condição humana ontológica, impossível de fugir, por isso que Sartre (2011) diz que o homem está condenado a ser livre. A liberdade não existe independente da experiência, mas dá prova de si em situação, por meio das escolhas e ações. Dado que a liberdade de escolha é efetivamente ligada à ação, é imprescindível ter em conta os limites externos da realidade, sejam eles objetos, a sociedade ou o próprio corpo. Esses limites impedem que a pessoa realize sua liberdade desconsiderando os outros e o que está em seu entorno, ou seja, que escolha fazer aquilo que ela bem entender. Sendo assim, na filosofia sartriana, a liberdade se refere à eleição dentre os possíveis e não à obtenção.

A liberdade causa angústia, ao nos darmos conta da responsabilidade das próprias escolhas e das consequências que elas produzem. Como tentativa de fugir da angústia da liberdade, o ser humano pode se enganar e mentir para si mesmo, com o propósito de se encaixar em uma essência fixa, como o Em-si, e se livrar da responsabilidade do próprio fracasso ou sucesso, colocando-a em terceiros – esta conduta, Sartre denomina de **má-fé**. Assumir a responsabilidade das escolhas, para Sartre, é viver de forma autêntica e afirmar a própria existência; já viver na má-fé é impossibilitar o se fazer no mundo e realizar o respectivo projeto, uma vez que, ao colocarmos nossas ações sob responsabilidade de outra pessoa, estamos concretizando o projeto dela e não o nosso.

O indivíduo é um constante vir-a-ser, porque nunca é completo como o Em-si. O vir-a-ser está presente no projeto de ser, que pode ser descrito como o movimento **temporal** realizado pela consciência imaginante, em que nos lançamos ao futuro, visando o Ser que não somos, mas queremos ser.

O projeto impulsiona todas as escolhas, demarcado pela relação dialética entre singularidade e universalidade, pois o projeto é fundamentado a partir de um contexto sociocultural que o indivíduo está inserido e que condiciona sua subjetividade, por meio dos mais diversos fatores, como raça, classe e gênero. Ao mesmo tempo, o sujeito age no mundo,

XII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

21 a 22 de Março de 2024

graças a liberdade, modificando a realidade objetiva. Nesse sentido, somos produtos e produtores da história.

Sartre (2011) coloca que, ao mesmo tempo que somos seres Para-si, também somos Para-outro, pois a existência do **Outro** é necessária para nos reconhecermos como indivíduos no mundo, a partir dos enunciados: o Outro não sou eu, mas é um Para-si como eu, que lança seu olhar sobre mim, assim como lanço sobre ele. Experiencio a objetivação do meu ser, quando outras pessoas formulam julgamentos sobre mim, como se direcionado a um objeto, enquadrando minha liberdade, o que leva a muitas pessoas usarem da má-fé para não viver de forma autêntica, ao se submeter às expectativas do Outro, sucumbindo às pressões sociais, como, por exemplo, com relação a padrões estéticos ou imposições familiares. A partir dessa situação surge o conflito de liberdades, pois a existência do Outro é imprescindível, mas também desagradável quando as pessoas não agem conforme o meu projeto e minha vontade e vice-versa.

Durante a vida, podemos contestar o que o Outro pensa sobre mim, por exemplo, ao me direcionar a caminhos diferentes. No entanto, na situação de **morte**, são os outros que lidam com meu corpo e minha ausência, logo, a morte é uma dimensão do Para-outro.

Por fim, o último tema existencialista encontrado no livro *Água Viva* é **literatura**. Sartre em *Que é Literatura?* (2004) coloca que a literatura deve refletir as condições sociomateriais da realidade, visando colocar o homem face a face com o próprio homem, diante da responsabilidade de provocar mudanças. Isso é possível, pois, diferente de outras artes, como a pintura, a literatura é capaz de representar signos.

A análise realizada até o momento sobre a lida temporal da personagem desvela que a protagonista, após sua separação afetiva, apreende um o futuro por uma consciência temerosa. Diante da liberdade de escolha experiencia a angústia por não ter controle das consequências de suas ações: “Tenho um pouco de medo: medo ainda de me entregar, pois o próximo instante é o desconhecido. O próximo instante é feito por mim? ou se faz sozinho?” (Lispector, 1973, p. 7). Ela mostra, de certo modo, a possibilidade de apreender esse futuro com uma consciência de má-fé, questionando se pode se ausentar diante de sua responsabilidade em escolhê-lo.

Pela angústia em relação ao futuro, a narradora tenta captar o presente, ou como ela chama, o “instante-já”. Para Sartre (2011), a temporalidade deve ser compreendida como uma totalidade, considerando que o passado não é mais, o futuro ainda não é e o presente não

XII SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

21 a 22 de Março de 2024

existe além da delimitação entre aquilo que já foi e aquilo que não é. Esse entendimento causa angústia na protagonista, ao se perceber diante de algo que ainda não é, que está para ser, e que depende dela na relação com as circunstâncias em que se insere e que se inserirá.

A literatura surge como alternativa à passagem do tempo, pois o livro, enquanto objeto, é Em-si, não vive a temporalização, mas pode sempre ser lido por outras pessoas, que retomam o pensamento do autor e o significa à sua maneira, bem como o mantém presente por meio das memórias, assim, o futuro deixa de ser tão amedrontador.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Podemos desvelar, pelo analisado até o momento, que o movimento vivido por Lispector se expressa em sua personagem. A angústia experienciada ocorre diante da exigência de terem que superar a condição anterior diante de um futuro incerto. Ao nomear e dar significação às temáticas existenciais, a narradora consegue perceber a própria visão de mundo e transformá-la à medida que escreve. Isso fica visível quando, ao iniciar o livro, expondo seu medo do futuro, no decorrer ela nos revela sua consciência reflexiva sobre suas vivências, concluindo sobre a importância do futuro ao tempo presente.

Lispector também nos mostra a importância da literatura. Ela evidencia que a personagem está se refazendo nas linhas do livro, por conseguinte, a própria autora experiencia essa mudança. Com isso, podemos considerar que a experiência em fluxo da escrita é imprescindível para se lançar a um futuro desconhecido e produzir superações necessárias a sua vida.

Referências

LISPECTOR, C. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1973.

SARTRE, J.-P. **Que é literatura?** 3 ed. São Paulo, SP: Editora Ática, 2004.

SARTRE, J.-P. **Esboço para uma teoria das emoções**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2008.

SARTRE, J.-P. **Crítica da razão dialética: precedido por Questões de método**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SARTRE, J.-P. **O Ser e o Nada**. 20 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.